

ESPAÇO LIVRE

Folha seca não é lixo

A luxuriante Hiléia, a floresta tropical húmida da Amazônia floresce há milhões de anos sobre os solos que estão entre os mais pobres do mundo. Este fato intrigava muitos cientistas. O grande cientista alemão, explorador da Amazônia, Alexander Von Humboldt, ainda pensava que floresta tão viçosa, alta e densa, era indicação de solo muito fértil. Como pode haver tanta vegetação, crescendo tão intensivamente, sobre solo praticamente desprovido de nutrientes? O segredo é a reciclagem perfeita. Nada se perde, tudo é reaproveitado. A folha morta cai no chão, é desmanchada por toda sorte de pequenos organismos, principalmente insetos, colêmbolas, centopéias, ácaros, moluscos e depois mineralizadas por fungos e bactérias. As raízes capilares das grandes árvores chegam a sair do solo e penetrar na camada de folha mortas para reabsorver os nutrientes minerais liberados. Poucas semanas depois de caídos, os nutrientes estão de volta, no topo, ajudando a fazer novas folhas, flores, frutos e sementes. A floresta natural não necessita de adubação. Assim, a floresta consegue manter-se através de séculos, milênios e milhões de anos. A situação não é diferente em nossos bosques subtropicais, nos campos, pastos ou banhados. A vida se mantém pela reciclagem. Assim deveríamos manter a situação em nossos jardins.

Um dos maiores desastres da atualidade, um desastre que está na base de muitas pessoas, mesmo as que se dizem cultas e instruídas, totalmente desvinculadas espiritualmente da Natureza, alienada do Mundo Vivo. As pessoas nascem, se criam entre massas de concreto, caminham ou rodam sobre asfalto, as aventuras que ex-

perimeentam lhos são proporcionadas pela TV ou vídeo. Já não sabem o que é sentir orvalho no pé descalço, admirar de perto a maravilhosa estrutura de uma espiga de capim, observar intensamente o trabalho incrível de uma aranha tecendo sua téia. Capim, alfas, só bem tosadinho no gramado, de preferência quimicamente adubado! Se não estiver tosadado, é feio! Na casa, desintetizadora mata até as simpáticas pequenas lagartixas, os gekos.

A situação não é melhor nas universidades. No departamento de Biologia de uma importante Universidade de Poto Alegre, encontra-se um pátio com meia dúzia de árvores raquíticas. Alí, o solo é mantido sempre varrido, nú, completamente nú! As folhas secas são varridas e levadas ao lixo. Não distinguem sequer entre carteira de cigarro, plástico e folha seca, para eles tudo é lixo. Já protestei várias vezes. Os professores e biólogos nem tomam conhecimento. Puderam! Hoje a maioria dos que se dizem biólogos, mais merecem o nome de necrólogos, gostam mais é de lidar com vidas por eles matadas do que dialogar com seres e sistemas vivos. Preferem animais em vidros de álcool ou formol, plantas comprimidas em herbários. São raros, muito raros hoje, os verdadeiros naturalistas, gente com reverência e amor pela natureza, que com ela mantém e interação intensiva, gente que sabe extasiar-se diante da grandiosidade da maravilhosa sinfonia da Evolução orgânica.

Porque levantamos esta questão? Quem observa atentamente os parques de áreas verdes de Brasil, e os jardins nos bairros residenciais, se tiver sensibilidade naturalista só pode ficar chocado. Em toda parte pratica-se um manejo es-

terilizante. No próprio Parque Nacional de Brasília, na área frequentada pelo público, onde estão as incríveis nascentes da "Água Mineral" e a grande piscina e também na piscina menor, a administração vinha varrendo as folhas secas debaixo das árvores, não distinguindo entre folha, papel plástico ou metais. A varredura das folhas era simplesmente jogada no bosque ao lado. Debaixo das árvores o solo, assim sempre desprotegido, sujeito à erosão, já quase desapareceu, sobrando apenas subsolo altamente compactado, as árvores definhando. Nas super quadras, se vê em toda parte o resultado de podas e cortes de grama simplesmente depositado em terrenos baldios, misturado com o lixo e entulhos, muitas vezes queimados. Ninguém tem noção de humus, de reciclagem dos nutrientes, de microvida e saúde do solo.

Nos espelhos d'água, a cada poucas semanas ou meses, quando justamente começa a estruturar-se um ecossistema aquático, com o lodo fértil no fundo, algas, protozoários, insetos aquáticos, com o lodo fértil fundo o sistema começa a ser interessante e adequado para os peixes que porventura alí foram introduzidos, os jardineiros esvaziam os lagos ou tanques, lavam e recomçam tudo na estaca zero, em total esterilidade.

Faço um apelo aos jardineiros públicos, aos administradores de parques e áreas verdes, aos particulares que gostam de seus jardins - procurem "dialogar" com suas plantas, com seu solo, promovendo Vida, não combatendo-a